



Arquivo



Arquivo

Ikeda: fato é muito grave

"Os débitos já assustam"

Simonsen: alimentos ou reservas cobrem débito

Da sucursal do
RIO

O ex-ministro do Planejamento, Mario Henrique Simonsen, afirmou, ontem, que a retirada do aval dos Estados Unidos ao empréstimo de US\$ 300 milhões contraído pela Argentina junto a quatro outros países latino-americanos — entre eles, o Brasil — não deverá acarretar prejuízos a esses países. Segundo o ex-ministro, as reservas cambiais argentinas são no momento bem superiores aos US\$ 300 milhões emprestados, "e existe ainda a possibilidade de pagamento em produtos, como o trigo".

Para Simonsen, porém, ainda não está perfeitamente claro como a Argentina irá comportar-se para ressarcir México, Brasil, Colômbia e Venezuela do empréstimo concedido no final de março para evitar que o país fosse declarado inadimplente pelo não pagamento de juros da dívida externa por período superior a 90 dias. O Brasil e a Colômbia colaboraram na ocasião com US\$ 50 milhões, cada um, cabendo ao México e Venezuela parcelas iguais de US\$ 100 milhões.

Mário Henrique Simonsen, que é membro do Conselho de Administração do Citycorp — holding do grupo Citybank —, afirmou que o acúmulo de débitos argentinos — vencidos e não pagos — junto aos credores, "não é suficiente para abalar o sistema financeiro internacional, mas já chega a assustar, principalmente porque não há uma solução à vista".

Comparou a situação de confronto vivida hoje entre o país e seus credores a um "jogo de poquer, em que os participantes estão na fase de identificar as apostas. O problema é saber quem possui 'four' de azes e quem tem um par de 6".

Mário Simonsen atribui as atuais dificuldades argentinas em obter um acordo satisfatório com o FMI à disposição do presidente Raul Alfonsín em promover aumentos reais de salários de cerca de 6% ao ano. "Trata-se de uma promessa eleitoral executada mês a mês, quando os salários são corrigidos de acordo com a inflação e sofrem além disso um pequeno acréscimo" — explicou. "Só que a inflação do país continua crescendo, e se dessa política está resultando um aumento real de salário, eu sinceramente não sei".

Simonsen, diretor dos cursos de pós-graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas, admitiu que, em 1980, a experiência brasileira de aumentar salários compulsoriamente acima da inflação acabou gerando maior pressão inflacionária. "E fatalmente terá reflexos sobre a inflação Argentina que continua crescendo" — concluiu.

"O choque será difícil obter do Fundo Monetário Internacional o consentimento para aumentos de salário acima da inflação" — comentou. "Caso aceitasse, o FMI correria o risco de ter de enfrentar um sem-número de pedidos do tipo: 'Eu quero o teu dinheiro, mas não tomarei nenhuma medida para ajustar a minha economia'".